

VILÉM FLUSSER

Nos primórdios da especulação filosófica o assunto da filosofia era o cosmos. Sentenças como "a água é o melhor", "a guerra é o pai de todas as coisas", e "tudo flui" são teorias cósmicas, ou, como diríamos nós atualmente, são "modos do cosmos". Mais tarde, com o desenvolvimento da discussão filosófica e com o acúmulo das decepções e dos desencantos, (que é o único resultado "positivo" da filosofia), o interesse se desviava para outros assuntos. Esse interesse está concentrado, atualmente, em problemas que têm a ver com os termos "significado", "sentido", "estrutura", e semelhantes. No entanto, e surpreendentemente, reaparece atualmente o termo "universo" na discussão aparentemente árida e pedante. O presente artigo pretende considerar esse reaparecimento.

Considerem a situação penosa na qual se encontra o filósofo nos nossos dias. Qual é o campo da sua atividade? O estudo das coisas? Mas o campo das coisas está dividido em repartições especializadas, e toda repartição está sendo investigada por uma ciência competente. O estudo do homem? Mas o próprio homem foi repartido para enquadrar-se nas ciências competentes. O estudo da relação entre homem e coisas, (relação perceptiva, cognosciva, volitiva, valorativa)? Mas esta relação faz parte do homem e das coisas, e pode ser abordada pelos métodos das ciências competentes. O estudo daquilo que transcende o homem e as coisas? Mas ficou provado e demonstrado que a razão discursiva, (que é o instrumento da filosofia), não é competente para a consideração desse campo. O estudo dos resultados das diversas ciências especializadas, e a tentativa de focalizá-los em cosmovisão abarcadora? Mas os resultados das ciências individuais são tão numerosos e tão complexos que não é possível que um filósofo os compreenda, e muito menos que possa sintetizá-los. Com efeito, parece que a filosofia perdeu o seu campo. Tem sido, historicamente, o chão do qual brotaram as diversas ciências, mas ao ter dado a luz à psicologia e à sociologia, esgotou-se. Atualmente a situação parece ser a seguinte: a razão discursiva e disciplinada corre nos canais competentes das diversas ciências, e o resto das especulações atuais, (teológicas, "intuitivas", "sentimentais" e "emotivas"), dá-se em campo inacessível à filosofia.

Pois a descrição da situação que acabo de dar sugere, paradoxalmente, o lugar da filosofia no presente contexto. É este: A filosofia é a disciplina que distingue entre o discurso da ciência e das especulações restantes. Como pode fazê-lo? Analizando as sentenças desses discursos. As ciências fornecem sentenças. A teologia, os discursos políticos, a poesia etc. fornecem outras sentenças. Todas essas sentenças afirmam que são "verdadeiras". A filosofia não tem competência para julgar essa afirmativa. Mas pode julgar, com critérios puramente formais, se as sentenças propostas têm sentido. E verifica o seguinte: algumas das sentenças das ciências têm sentido. São "verdadeiras" ou "falsas". Outras sentenças científicas não têm sentido. Não são nem "verdadeiras" nem "falsas". Devem ser abandonadas. E as sentenças não científicas são, todas elas, sem sentido. Do ponto de vista puramente formal, devem ser, todas elas, abandonadas. Este é pois o campo da atividade filosófica: o estudo de sentenças.

VILÉM FLUSSER

Não diga o leitor precipitado que já existem ciências competentes para o estudo de sentenças. A gramática, a semântica, a matemática, e lógica formal, por exemplo. O enfoque da filosofia como análise de sentenças é diferente. Analiza a estrutura das sentenças. Mas devo confessar, honestamente, que a objeção do leitor precipitado é incômoda e perturbadora. Porque no fundo não passa a filosofia atual de gramática, de semântica, de matemática e de lógica formal, embora não queira sempre admiti-lo. O campo da filosofia no contexto da atualidade, embora radicalmente restrito, continua ameaçado.

Mas a tragédia da filosofia não reside apenas nisto. Considerem a frustração terrível na qual resulta. A grande maioria das sentenças propostas pela conversação geral carece de sentido. E são justamente estas sentenças sem sentido que interessam. A sentença "Deus existe" carece de sentido. A sentença "viva a liberdade" carece de sentido. São sentenças equivalentes ao cacarejar de um galo. A grande maioria das sentenças da tradição filosófica carece de sentido. As grandes sabedorias de Platão e Agostinho, as profundas visões de Hegel e Nietzsche, são equivalentes ao latir de um cachorro. E apenas sentenças tão desinteressantes como "pedras caem" tem sentido. Qual é, no fundo, a função da filosofia? Provar formalmente que aquilo que interessa não pode ser dito. E que se ouço algo interessante, posso ter a certeza que há um erro formal na sentença que ouço. A filosofia atual precipita-se, por seu racionalismo radical, ao abismo do misticismo.

Neste instante de desespero negro ressurge, qual fénix das cinzas, o termo "universo". Sentenças são estruturas cujos elementos são palavras. Palavras têm significado, sentenças têm sentido. O sentido da sentença depende do significado das suas palavras. Mas as palavras adquirem o seu significado apenas na estrutura da sentença. A palavra "massa" tem um significado diferente na sentença "talharim é uma massa", do significado que tem na sentença "a medida da massa é a resistência que um corpo opõe a alterações do seu movimento", e do significado que tem na sentença "agitar as massas é o dever de um revolucionário atuante". Mas isto não é tudo. As próprias sentenças participam de superestruturas. É apenas nessas superestruturas que adquirem o seu sentido. As superestruturas são chamadas "universos do discurso". A nossa primeira sentença dada como exemplo participa do universo do discurso da cozinha, a segunda do universo do discurso da física, a terceira do universo do discurso da política. O sentido das três sentenças depende dos seus respectivos universos, e o significado das suas palavras depende desses universos.

Vejam só o que está acontecendo! A filosofia como análise de sentenças passa a ser, imperceptivelmente, uma análise de universos. Assume uma posição no além de todos os universos possíveis. Analiza, impertubável e imparcial, todos os universos possíveis. Vê aquilo que todos os universos têm em comum, a saber: a estrutura. Estuda o "isomorfismo" de todos os universos possíveis. Volta a ser aquilo que era no tempo dos pré-socráticos: uma contemplação do cosmos. A análise de sentenças é uma volta para a origem da filosofia. Não é empolgante? Como escreve direito a filosofia em suas linhas tortas.